



## A simplicidade estrutural na imprensa caricata<sup>1</sup>

Tammie Caruse Faria SANDRI<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

### Resumo

Este trabalho busca analisar as manifestações caricaturais da imprensa de Rio Grande/RS a partir da Teoria da Imagem de Villafañe (2000), nos aspectos referentes a um dos elementos morfológicos da imagem, a forma. Foi produzido para a disciplina de Estratégias Semiológicas dos Discursos Midiáticos e utilizado, em parte, na proposta de qualificação de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM. O objetivo é verificar a simplicidade estrutural do conteúdo icônico logo no início do uso de imagens no jornalismo, no século XIX. Para objeto de análise tomam-se três contracapas dos jornais caricatos de Rio Grande/RS *Diabrete*, *Marui* e *Bisturi*, sobre as quais são aplicadas as metodologias propostas pelo autor.

**Palavras-chave:** teoria da imagem; mídia visual; imprensa caricata; jornalismo impresso.

### 1 Apresentação

A partir da Teoria da Imagem de Villafañe, apresento análise sobre os desenhos de humor e histórias em quadrinhos em contracapas de três jornais caricatos de Rio Grande/RS: *Diabrete*, *Marui* e *Bisturi*. A análise se faz a partir do elemento morfológico forma, pelos métodos de verificação do conceito de simplicidade do conteúdo icônico propostos pelo autor. A escolha do objeto empírico ocorre devido à busca da compreensão da força do discurso visual logo no início do uso de imagens no jornalismo, no final do século XIX, e pelo destaque das três publicações na chamada fase áurea da imprensa caricata no interior do Rio Grande do Sul, como explico a seguir.

No Rio Grande do Sul, a Sentinela do Sul é considerada a primeira folha ilustrada e humorística (FRANCO, 2006; HOHLFELDT, 2006), circulando em Porto Alegre entre 1867 e 1869. O período entre 1845 e 1870 foi de diversificação e desenvolvimento da imprensa no Estado e a de Rio Grande foi uma das que mais se destacou, com grande quantidade de periódicos (ALVES, 1996b).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM. Jornalista técnica-administrativa em educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em e sobre Histórias em Quadrinhos da FURG. Especialista em Gestão de Marketing e Comunicação. E-mail: tammiefaria@yahoo.com.br



Lembra Alves (2002, p.234) que “a cidade do Rio Grande, o principal porto marítimo da Província do Rio Grande do Sul, foi uma das comunidades na qual, durante o século XIX, mais se desenvolveu o jornalismo”, sendo as três décadas finais o apogeu das atividades jornalísticas, com a circulação dos mais variados gêneros de folhas. Nesse período, de acordo com Alves (2002) e Hohlfeldt (2006), circularam as mais importantes publicações da fase áurea (1874 a 1893) da imprensa caricata rio-grandina e, entre elas, os semanários *Diabrete*, *Marui* e *Bisturi*, objetos de análise desse trabalho.

O *Diabrete* foi fundado em 4 de julho de 1875 e circulou até 10 de maio de 1881 (MACHADO, 1988) e o *Maruí* circulou entre 1880 e 1882, como concorrente do primeiro (BRANCO, 2005, p.15), ambos com periodicidade semanal. O *Bisturi* circulou de forma regular entre 1888 e 1893 (ALVES, 2002), mas teve durabilidade, no mínimo, até 1915 (ano do último exemplar disponível na Bibliotheca Rio-Grandense). Como critério de seleção para a análise, utilizo a primeira publicação entre os exemplares disponíveis dos jornais *Diabrete*, *Marui* e *Bisturi* na Bibliotheca Rio-Grandense, a primeira do Estado, localizada em Rio Grande.

No primeiro tópico, trato dos conceitos pertinentes à Teoria da Imagem quanto ao elemento morfológico forma e os métodos quantitativos e qualitativos para verificação da simplicidade estrutural da imagem, propostos por Villafañe. No último tópico, aplico os métodos sobre os três objetos de estudo, a partir de formas estruturais básicas sobrepostas aos desenhos, conforme as fórmulas quantitativas e os princípios do método qualitativo. A análise busca relacionar os resultados com o apelo de leitura e popularidade dos conteúdos icônicos na mídia impressa.

## **2 A Teoria da Imagem e a simplicidade estrutural**

Em consonância com o modelo estrutural para metodologia da pesquisa em histórias em quadrinhos de Vergueiro e Santos (2010), o presente trabalho tem enfoque no produto cultural manifestações caricaturais<sup>3</sup>. Como consequência direta, o foco está relacionado ao estudo do conteúdo imagético da mensagem. Na proposta dos autores, o foco na mensagem leva ao método semiótico para elucidar a produção de sentido.

Como lembra Peruzzolo (2004, p.40-41), “o campo da Semiótica é o estudo das condições e processos da significação”, de linguagens, signos, enfim, de representações em geral, em que se pressupõe a capacidade elementar da percepção.

---

<sup>3</sup> O termo adotado corresponde à definição abrangente dada por Fonseca (1999) à caricatura, o que inclui desenhos de humor, histórias em quadrinhos, charge, cartum e caricatura pessoal.



Nesse sentido, buscamos apoio metodológico para o desenvolvimento desse trabalho em Villafañe (2000), e os métodos que ele sugere em sua Teoria da Imagem para a análise das condições e processos da significação da imagem a partir da percepção.

Com a opção pelo método semiótico, por consequência, a técnica de pesquisa está vinculada à análise semiótica da imagem. Nesse caso, sigo as metodologias de análise sugeridas por Villafañe (2000) para verificação da simplicidade estrutural da imagem, a partir do elemento morfológico forma.

A simplicidade estrutural da imagem está relacionada ao elemento morfológico da imagem a que Villafañe (2000), em sua proposta de Teoria da Imagem, chama de forma. A forma é um dos seis elementos morfológicos apontados pelo autor. Os demais são: o ponto, a linha, o plano, a cor e a textura. Ao trabalhar a categoria conceitual forma, Villafañe (2000, p.126, tradução minha) estabelece uma diferenciação simples:

[...] utilizarei o termo “forma” para me referir ao aspecto visual e sensível de um objeto ou de sua imagem, ao conjunto de características que se modificam quando este objeto muda de posição, de orientação ou, simplesmente, de contexto. Aquelas outras características imutáveis e permanentes dos objetos, sobre as quais repousa sua identidade visual, as designarei com o termo de “estrutura” ou “forma estrutural”<sup>4</sup>.

Para o autor, a estrutura ou forma estrutural é a forma visual do conteúdo, aquela relacionada à sua identidade visual e, portanto, relacionada a suas características imutáveis, garantindo assim o seu reconhecimento. Como está relacionada a características objetivas, estudar a forma estrutural, conforme o autor, demanda a lei básica da percepção de que “Todo esquema estimulador tende a ser visto de maneira tal que a estrutura resultante seja tão simples quanto permitam as condições dadas”<sup>5</sup> (VILLAFANE, 2000, p. 126, tradução minha). Assim, ao percebermos uma imagem temos a tendência de simplificá-la estruturalmente a fim de reconhecê-la.

Joly (2009, p.65) destaca que essa interpretação por meio de formas geométricas fundamentais “não corresponde apenas a um projeto de simplificação das

---

<sup>4</sup> [...] utilizaré el término “forma” para referirme al aspecto visual y sensible de un objeto o de su imagen, al conjunto de características que se modifican cuando dicho objeto cambia de posición, de orientación o, simplemente, de contexto. Aquellas otras características inmutables y permanentes de los objetos, sobre las cuales reposa su identidad visual, las designaré con el término de “estructura” o “forma estructural”.

<sup>5</sup> Todo esquema estimulador tiende a ser visto de manera tal que la estructura resultante sea tan simple como lo permitan las condiciones dadas.



formas complexas da natureza, mas também a uma confiança na força expressiva da forma”, o que reforça a opção de Villafañe em atentar para a análise da forma estrutural.

Segundo Villafañe (2000, p.128, tradução minha), a ordem visual, o que a percepção impõe, tende sempre à simplicidade, e na medida em a ordem da imagem se baseia nisso a simplicidade na representação icônica é a única norma natural, ou seja, “a única representação natural é aquela que assume a ordem visual de percepção e, portanto, tende à simplicidade”<sup>6</sup>.

A partir dessa afirmação, o autor propõe duas vias para o estudo da simplicidade estrutural: a da experiência e a dos componentes estruturais. Quanto à via da experiência, Villafañe (2000, p.128) explica que se a organização estrutural de um estímulo depende do nosso sistema perceptivo, a análise dos resultados dessa percepção seria o melhor modo de avaliar a simplicidade de uma estrutura e um esquema seria mais simples que outro quando se percebesse antes, se lembrasse melhor. Porém, restaria um problema: a impossibilidade de separar a experiência perceptiva da influência e condicionamentos que outros processos de conduta têm sobre a experiência.

Assim, para o autor, só resta propor a análise da simplicidade estrutural a partir dos componentes da estrutura, seguindo dois métodos: o quantitativo, que analisa a simplicidade no sentido absoluto, e o qualitativo, que analisa a simplicidade no sentido relativo. Dentre os quantitativos, ele apresenta dois: o de quantificação de recursos (elementos que definem uma estrutura) e o de Hochberg-Mcalister.

De acordo com o método de quantificação de recursos, quanto menos elementos forem necessários para definir a imagem, mais simples ela será (VILLAFANE, 2000, p.128). Quanto aos elementos, Villafañe os diferencia entre os que possuem valor estrutural (aos que chama de rasgos<sup>7</sup> estruturais genéricos - r.e.g.) e os que carecem de valor estrutural (aos que chama de rasgos de forma - r.f.).

O método de quantificação de recursos se baseia, segundo Villafañe (2000, p.129) no número de r.e.g., ou seja, no número de elementos que possuem valor estrutural e, portanto, alteram a simplicidade estrutural de uma imagem. Por sua vez,

---

<sup>6</sup> la única representación natural, es aquella que asume el ordem visual de percepción y, por tanto, la tiende a la simplicidad.

<sup>7</sup> Segundo o dicionário Michaelis online, "rasgo" em português significa "3 Traço de pena, de pincel etc.", a palavra em espanhol "rasgos" poder ser traduzida por "traços", termo mais comumente conhecido e associado ao desenho no Brasil. A tradução, porém, não é feita nesse trabalho para permitir o reconhecimento das siglas propostas pelo autor. DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Melhoramentos. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=rasgo> Acesso em 17 abr 2011



eles se baseiam em duas variáveis estruturais, o ângulo e a distância. Já o número de r.f., leva em consideração o número de elementos e a orientação.

Para calcular os r.f. e r.e.g., Villafañe (2000, p.129) apresenta as seguintes fórmulas:

$$\text{r.f.} = \frac{\text{n.º elementos (total de lados diferentes)} + \text{orientação (diferentes no espaço)}}{\text{Total r.f.}}$$

$$\text{r.e.g.} = \frac{\text{ângulo (nº ângulos diferentes)} + \text{distância (nº lados diferentes)}}{\text{Total r.e.g.}}$$

Conforme o autor, é mais simples a imagem que apresentar r.e.g. menor. O cálculo de r.f. só é necessário quando os resultados do cálculo de r.e.g. para análise da simplicidade entre duas imagens forem iguais, como esclarece Villafañe (2000, p.129, tradução minha):

Pode dar-se o caso em que duas estruturas tenham igual número de traços estruturais genéricos e que a primeira, por exemplo, possua maior número de traços de forma; o resultado neste caso é que o segundo objeto ou imagem será más simples em seu conjunto; ainda que estruturalmente sejam iguais em simplicidade<sup>8</sup>.

Isso porque, mesmo carecendo de valor estrutural, os r.f. podem afetar a simplicidade, uma vez que a imagem seria mais estável se orientada sobre as coordenadas espaciais básicas e suas diagonais regulares. Ou melhor, uma orientação irregular tornaria maior a complexidade da imagem e mesmo com número de r.e.g. igual, uma imagem poderia ser mais complexa que outra em seu conjunto por possuir número de r.f. maior.

O autor demonstra, nessa observação, a importância de considerar o conjunto da imagem em sua análise. Pertencentes ao conjunto da imagem, os r.f. podem auxiliar na análise da simplicidade estrutural conforme o caso. Ainda sobre conjunto, como já citado sobre o método quantitativo, é preciso considerar a quantidade de elementos necessários para definir uma imagem. Em outras palavras, apenas quantificar os r.e.g. não basta, a análise da simplicidade estrutural de uma imagem deve considerar também

---

<sup>8</sup> Puede dar-se el caso en el que dos estructuras tengan igual número de rasgos estructurales genéricos y que la primera, por ejemplo, posea mayor número de rasgos de forma; el resultado en este caso es que el segundo objeto o imagen será más simples en su conjunto; aunque estructuralmente sean igual de sencillos.



outros fatores do conjunto, seja os r.f., seja a própria quantidade de elementos presentes na imagem, que podem influenciar em sua simplicidade.

Também baseado em critérios quantitativos, o método Hochberg-McAlister utiliza, de acordo com Villafañe (2000, p.130), variáveis estruturais referentes à estrutura percebida pelo sujeito: o número de ângulos diferentes, o número de ângulos diferentes dividido pelo número total de ângulos e o número de linhas contínuas diferentes. Essas variáveis apresentariam a quantidade de informação, dada pela fórmula a seguir:

$$\begin{aligned} \text{Variáveis pertinentes} &= \text{n}^\circ \text{ de ângulos diferentes} \\ \text{(quantidade de informação)} &+ \text{n}^\circ \text{ de ângulos diferentes} / \text{n}^\circ \text{ total de ângulos} \\ &+ \text{n}^\circ \text{ de linhas contínuas diferentes} \\ &\text{Valor de quantidade de informação} \end{aligned}$$

Por esse método, quanto menor for o total da quantidade de informação resultante da soma entre três fatores (número de ângulos diferentes, esses divididos pelo número total de ângulos, e número de linhas contínuas diferentes) mais simples é a imagem. Da mesma forma, quanto maior for o número resultante da soma, mais complexa é a imagem.

Por isso, Villafañe (2000, p.131-132) destaca que os métodos quantitativos são eficazes para formas estruturais com baixo nível de complexidade, sendo necessárias para o estudo da simplicidade de estruturas mais complexas novas aproximações metodológicas, como o método ponderado, em que a simplicidade depende, no sentido relativo, dos princípios de parcimônia e ordem. O princípio de parcimônia exigiria que entre diversas alternativas se escolhesse a mais simples, ou seja, a com menor número de elementos independentes, enquanto o de ordem implicaria na distribuição dos elementos em função de um grau máximo de pertinência.

Ao aplicar à imagem esses dois princípios, se desprenderiam três eixos: a correta eleição do meio de representação, a unificação dos agentes plásticos, e o repertório limitado de elementos plásticos. Para Villafañe (2000, p.132), esses eixos servem para formar um quadro de fatores mais eficaz que a quantificação de recursos ou de informação na análise da simplicidade estrutural.

Assim, alguns meios de representação seriam mais idôneos e apropriados do que outros, no que tange à equivalência estrutural da experiência que originou a imagem. Ou seja, algumas imagens podem ser representadas de maneira estruturalmente



mais simples, conforme o meio de representação escolhido. Seria o eixo da escolha correta do meio de representação.

Também os elementos constituintes da imagem (agentes plásticos), quando unificados, reduziriam o número de r.e.g., com a conseqüente maior simplicidade da imagem, e o uso limitado de elementos plásticos (como poucas linhas e cores) contribuiria para tornar a imagem mais simples. Seriam os eixos da unificação dos agentes plásticos e do repertório limitado de elementos plásticos, respectivamente.

Resume Villafañe (2000, p. 133, tradução minha):

Ao recapitular o dito até agora sobre a simplicidade estrutural, esta parece depender, em primeiro lugar e em sentido absoluto, do número de r.e.g. diferentes que possua um objeto ou sua imagem, e, em segundo lugar e em sentido relativo, dos princípios de parcimônia e ordem, os quais no caso que nos ocupa supõem optar pela fórmula mais econômica a que a representação se refere<sup>9</sup>.

A partir disso, podemos afirmar que a análise da simplicidade estrutural deve considerar o número de r.e.g. diferentes, no sentido absoluto, e os princípios de parcimônia e ordem, no sentido relativo. Mas a análise não termina por aqui. Deve-se ainda considerar, segundo o autor, um terceiro fator, que igualmente se desprende da lei básica da percepção: as condições perceptivas existentes. Elas se referem a eixos de índole visual e podem afetar o percebido que dá origem ao conhecimento visual do objeto (VILLAFANE, 2000).

Assim, do ponto de vista perceptivo, Villafañe (2000, p.133-134, tradução minha) propõe que o estudo da simplicidade da imagem leve em conta três eixos: a intensidade do estímulo que dá origem ao percebido, uma vez que sendo o estímulo mal definido, o resultado do trabalho perceptivo é a simplificação; a própria simplicidade do estímulo, pois se ele é estruturalmente simples produzirá um percebido simples; e o nivelamento e o aguçamento, fórmulas que tendem a eliminar a ambigüidade da imagem, favorecendo a simplicidade estrutural “pela unificação ou pela diferenciação dos traços estruturais genéricos”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Al recapitular lo dicho hasta ahora sobre la simplicidad estructural, ésta parece depender, en primer lugar y en sentido absoluto, del número de r.e.g. diferentes que posea un objeto o su imagen, y, en segundo lugar y en sentido relativo, de los principios de parsimonia y orden, los cuales em el caso que nos ocupa suponen optar por la fórmula más económica em cuanto a la representación se refiere.

<sup>10</sup> por la unificación o por la diferenciación de los r.e.g.

Dondis (2007, p.117) também lembra a necessidade de reduzir a ambiguidade de uma imagem, optando-se ou pelo nivelamento (harmonia) ou pelo aguçamento, pois a área entre eles, seria “confusa e obscura”. Para evitar esse resultado, a opção segundo Villafañe (2000, p.134, tradução minha), no primeiro caso, seria acentuar a simetria da imagem, diminuindo o r.e.g. e, no segundo caso, acentuar a assimetria, aumentando o r.e.g, como explicado a seguir.

Tanto uma como outra são fórmulas para obter uma maior simplicidade na estrutura de uma composição o de un esquema. [...] Que nosso equipamento perceptivo opte por uma ou outra fórmula dependerá exclusivamente do grau de ambigüidade de ambas estruturas<sup>11</sup>.

Ou seja, quanto maior o grau de ambiguidade da imagem, maior a tendência à diferenciação, a aumentar a assimetria. Da mesma forma, quanto menor for o grau de ambiguidade, maior a tendência à unificação, ao nivelamento, buscando a simetria, como num ajustamento da imagem percebida. Considerando o número de r.e.g. diferentes, os princípios de parcimônia e ordem, e os eixos perceptivos, no próximo tópico analiso a simplicidade da imagem em contracapas dos jornais caricatos rio-grandinos *Diabrete*, *Marui* e *Bisturi*.

### **3 Aplicabilidade dos métodos na imprensa caricata**

Na análise de contracapa dos três jornais caricatos, para verificação da simplicidade estrutural da imagem a partir do elemento morfológico forma, sigo os métodos quantitativo e qualitativo sugeridos por Villafañe (2000) e anteriormente descritos: os métodos de quantificação de recursos e de Hochberg-McAlister e os princípios parcimônia e ordem e seus eixos.

Assim, apresento a seguir os três objetos de análise. A Fig. 1 refere-se a exemplar do jornal *Diabrete*, de 1878, a Fig. 2 a exemplar do jornal *Marui*, de 1880, e a Fig.3 a exemplar do jornal *Bisturi*, de 1889. A partir de Villafañe (2000), observo primeiramente a lei básica da percepção, de que todo estímulo visual tende a ser visto de maneira que a estrutura resultante seja sempre a mais simples possível, a fim de que mais rapidamente o organismo, ao perceber o ambiente, chegue ao reconhecimento do 'objeto' que se interpõe ao seu percurso existencial. Com base nessa lei, aplico formas

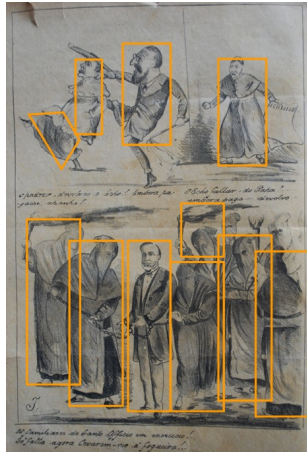
---

<sup>11</sup> Tanto una como otra son fórmulas para obtener una mayor simplicidad en la estructura de una composición o de un esquema. [...] Que nuestro equipo perceptivo opte por una o otra fórmula dependerá exclusivamente del grado de ambigüedad de ambas estructuras.



estruturais de trapézio e retângulo para os cálculos sugeridos pelo autor nos métodos quantitativos.

**Figura 1:** Jornal Diabrete –15 set 1878



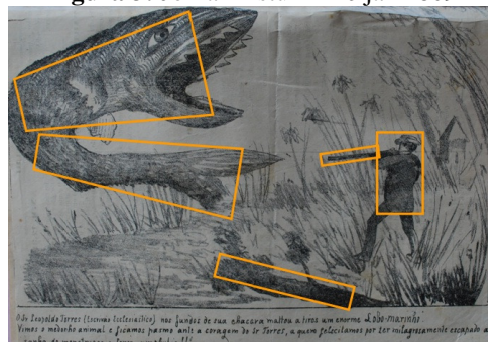
Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

**Figura 2:** Jornal Marui –1880



Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

**Figura 3:** Jornal Bisturi – 20 jan 1889

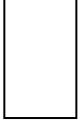
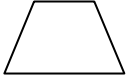


Fonte: Bibliotheca Rio-Grandense

A aplicação de formas simples apresenta, respectivamente, as formas de um trapézio e dez retângulos na Fig.1; dois trapézios e sete retângulos na Fig.2; e dois

trapézios e três retângulos na Fig.3. Para as formas de retângulo e trapézio, seguindo as fórmulas do método de quantificação de recursos (r.f. e r.e.g.) e do método Hochberg-McAlister (variáveis pertinentes, para as quais utilizaremos a sigla v.p.), apresento os seguintes resultados:

**Tabela 1:** Cálculos dos métodos quantitativos

Fórmula	Método de quantificação de recursos	Método Hochberg-McAlister
	r.f. = $\frac{4}{6}$ r.e.g. = $\frac{1}{3}$	v.p. = $\frac{1}{3,25}$
	r.f. = $\frac{4}{7}$ r.e.g. = $\frac{2}{5}$	v.p. = $\frac{2}{5,5}$

A partir das fórmulas, o trapézio apresenta resultado maior do que o retângulo em todos os cálculos. Pelo método de quantificação de recursos, o trapézio apresenta r.f. igual a sete, enquanto o retângulo, igual a cinco. Igualmente no cálculo dos r.e.g. há diferença: para o trapézio o resultado é cinco enquanto para o retângulo é três. Pelo método Hochberg-McAlister novamente o trapézio apresenta resultado maior para as v.p.: 5,5, enquanto o retângulo apresenta 3,25.

Com base na metodologia escolhida, o retângulo é uma forma estruturalmente mais simples que o trapézio, tanto pelo resultado do cálculo de r.e.g., como do cálculo de v.p. Uma vez que os resultados não são iguais entre as duas formas, não consideraremos na análise os resultados para o cálculo de r.f.

Como para determinar a simplicidade estrutural de uma imagem a partir dos elementos que a compõem, é necessário considerar a quantidade deles, depreendo que uma imagem com maior quantidade de elementos será mais complexa que outra com menor número de elementos. Isso se comprova pelo total de r.f., r.e.g. e v.p. de cada conjunto de formas em cada imagem.

Considerando o conjunto de elementos presentes em cada imagem, os cálculos para a Fig.1 (um trapézio e dez retângulos) apresentam um total de 67 r.f., 35 r.e.g. e 38 v.p. Para a Fig.2 (dois trapézios e sete retângulos), um total de 56 r.f., 31 r.e.g. e 33,75 v.p. e para a Fig.3, um total de 32 r.f., 19 r.e.g. e 20,75 v.p. Uma vez que a imagem com

r.e.g. e v.p. menores será a mais simples, o resultado total de r.e.g. e v.p. de cada imagem indica a Fig.3 como a mais simples, seguida da Fig.2 e da Fig.1, nessa ordem.

Porém, se é preciso sempre considerar uma imagem em seu conjunto, pela quantidade de elementos que possui, na análise da simplicidade estrutural, também é possível depreender que uma imagem será mais simples quanto mais simples forem seus elementos. Isso significa dizer que uma imagem com maior número de elementos complexos será em seu conjunto mais complexa do que uma que apresentar a maioria de elementos simples.

Com isso é possível perceber, como alerta Villafañe, que os métodos quantitativos não bastam para determinar a simplicidade estrutural de uma imagem, pois a Fig.1 apresenta em seu conjunto elementos simples (10) em maior proporção do que complexos (apenas um) em relação às demais, mas pelo método quantitativo seria menos simples que a Fig.2, que apresenta dois elementos complexos e sete simples. Isso porque a Fig.1 conta com maior número de elementos em relação às outras imagens, o que leva a um resultado maior de r.e.g. e v.p. para o conjunto.

É necessário, portanto, relativizar os resultados quantitativos. Assim, a Fig.1 é a mais simples entre todas, por apresentar em seu conjunto proporção maior de elementos simples do que complexos, seguida, nessa ordem, da Fig.2 (dois trapézios para sete retângulos) e Fig.3 (dois trapézios para três retângulos).

Como Villafañe destaca a necessidade de considerar também os aspectos relativos, partimos para a análise baseada nos princípios de parcimônia e ordem, dos quais se despreendem os eixos da correta eleição do meio de representação, da unificação dos agentes plásticos e do repertório limitado de elementos plásticos.

Quanto à correta eleição do meio de representação nas três figuras, o meio utilizado presta-se à narrativa sequencial, como é o caso das figuras 1 e 2. Ainda que a Fig.3 não trabalhe ações sequenciadas, o meio de representação auxilia o leitor a compreender o fato descrito na legenda. Quanto à unificação dos elementos plásticos, observo que o preenchimento das formas para criar sombra, volume ou diferenciar o tom entre os objetos (como paletós e capas), contribui para a visualização unificada dos mesmos, simplificando o conjunto das imagens. O repertório limitado de elementos plásticos evidenciado pelo tom de cinza (ausência de cores nos três jornais) e pelo pouco preenchimento de fundo auxilia na composição simplificada das imagens.

Sobre o princípio de parcimônia (em que a imagem mais simples é a que possui o menor número de elementos independentes), comparando as três figuras, a com menor

número de elementos independentes seria a Fig.3, que apresenta uma única imagem, seguida da Fig. 1, com duas imagens independentes e da Fig.2, com cinco imagens independentes. Portanto, a Fig.3 seria a mais simples e a Fig.1 a mais complexa.

Quanto à ordem, a Fig.1 apresenta imagem sequenciada em dois momentos. No primeiro momento da sequência a linha vertical ao fundo pode produzir confusão ao olhar. Associada à distribuição bipartida da narrativa transcrita na legenda logo abaixo da imagem, essa linha vertical pode ser compreendida como divisão de quadros. Com uma observação mais atenta junto à linha vertical, porém, é possível perceber que os traços utilizados para produzir o efeito de sombra no lado inferior direito dela têm continuidade no lado inferior esquerdo, o que demonstra a intenção do autor de retratar um canto entre duas paredes perpendiculares, exatamente por isso o uso da sombra. Esse efeito, no entanto, fica prejudicado pela bipartição da legenda. Assim, considero que a Fig.1 apresenta um menor grau de pertinência quanto à distribuição dos elementos.

A Fig.2 apresenta imagem sequencial em cinco momentos, com distribuição definida pelo uso de linhas verticais específicas para tal. Associadas às linhas horizontais que compõem o chão, elas tornam visível a intenção do autor de produzir cinco imagens sequenciadas. A Fig.3, por se tratar de imagem não sequencial, demonstra maior grau de pertinência na distribuição dos elementos e, portanto, seria a mais simples entre todas.

Quanto às condições perceptivas, observo que, referente à intensidade do estímulo, os desenhos mal definidos ou com um traço mais suave (chão nas figuras 1, 2 e 3, insetos na Fig.2 e vegetação na Fig.3) produzem como resultado perceptivo a simplificação do estímulo visual, concentrado nos elementos com traço mais forte.

Ao analisar a simplicidade do estímulo, a quantidade de imagens sequenciais (cinco) na Fig.2 a torna mais complexa do que a Fig.1, que apresenta duas apenas, e a Fig.3, que apresenta apenas uma imagem. A complexidade se faria pela quantidade de estímulos visuais que precisam ser percebidos. Por fim, sob o ponto de vista perceptivo, observo que há pouca ambiguidade nas formas desenhadas, o que diminui os r.e.g. de cada uma com a acentuação da simetria, ou seja, o nivelamento das formas.

Assim, de modo geral, apenas os métodos quantitativos não são suficientes para a análise da simplicidade de uma imagem, que deve incluir os métodos qualitativos tanto para o aspecto absoluto como para o relativo. Ao final das análises, embora a Fig.2, pelo cálculo dos r.e.g e v.p. pareça ser a mais simples entre todas, a Fig.1

apresenta em seu conjunto proporção maior (dez para uma) de formas simples em relação às complexas, o que a torna mais simples que a primeira. A Fig.2, apresentando proporção menor (sete para duas) de formas simples em relação às complexas não poderá ser considerada a mais simples entre todas;

A quantidade de imagens sequenciais e a ordem de distribuição de seus elementos é outro fator que condiciona a simplicidade das figuras analisadas. Mesmo a Fig.1 apresentando uma leve desordem caracterizada pela linha vertical de intersecção entre paredes perpendiculares quase na mesma linha imaginária de bipartição da narrativa da legenda, esse problema não chega a comprometer a simplicidade do conjunto em comparação com as demais figuras, uma vez que a Fig.1 apresenta apenas duas imagens sequenciadas. Assim a Fig.2, por apresentar cinco imagens sequenciadas, torna-se novamente a mais complexa e a Fig.3, por apresentar apenas uma imagem, novamente a mais simples.

Na análise da Fig.3, a simplicidade se dá pelos r.e.g e v.p., pelo número de elementos na imagem e pela distribuição dos elementos em uma imagem única (não sequenciada). Embora a proporção (três para duas) entre formas simples em relação às complexas seja maior do que na Fig.2 (sete para duas) uma imagem composta por cinco elementos será mais simples do que uma com nove elementos ou onze, no caso da Fig.1. Da mesma forma, uma única imagem será mais simples do que duas ou cinco sequenciadas, seja pela simplicidade na ordem de distribuição dos elementos, seja pela própria quantidade de elementos a serem distribuídos.

Isso porque r.e.g e v.p., número total de elementos e proporção entre simples e complexos, além da ordem de distribuição na imagem, afetam a percepção de uma imagem e como a percepção não os toma de forma isolada, eles não podem ser analisados de forma isolada.

Reunidos, esses fatores farão com que a Fig.3, a mais simples, seja mais facilmente lembrada do que a Fig.1 e a Fig.2, a mais complexa: por ser mais fácil reconstruir mentalmente uma imagem com poucos elementos, que além de apresentarem menores r.e.g e v.p. são distribuídos de forma única. Na reconstituição mental da Fig.1, são onze elementos a serem lembrados e distribuídos em duas imagens sequenciais. A dificuldade aumenta na reconstituição mental da Fig.2: são nove elementos (dentre eles, dois complexos) distribuídos em cinco imagens sequenciais.

Com o resultado da análise quantitativa e qualitativa da simplicidade estrutural das figuras 1, 2 e 3 comprova-se a lei básica da percepção destacada por Villafañe

(2000) de que todo estímulo visual tende a ser visto de maneira que a estrutura resultante seja tão simples quanto permitirem as condições dadas. Como a percepção tende sempre à simplicidade, uma imagem será mais simples que outra quando percebida e lembrada mais facilmente, caso da Fig.3, e quanto mais complexidade oferecerem os elementos de uma imagem, mais difícil será lembrá-la, casos das figuras 1 e 2, respectivamente.

## 5 Considerações

Na intenção de aproximar o leitor, o elemento morfológico forma é estratégico para promover a simplicidade estrutural, facilitando a compreensão, a retenção e a lembrança da imagem na mente do leitor. Com base na metodologia proposta por Villafañe, os métodos quantitativos em comparação com os qualitativos são os mais significativos na análise da simplicidade estrutural de uma imagem e, dentre aqueles, o cálculo de r.e.g. é o mais significativo.

De maneira geral, quanto menos ângulos uma forma apresentar, mais simples será, pois apresentará r.e.g e v.p. mais baixos, uma vez que o cálculo de ambos utiliza os ângulos. Igualmente, quanto menos formas a imagem apresentar, menor serão seus r.e.g e v.p. totais. Como é preciso analisar a imagem em seu conjunto de elementos, os resultados de cada forma terão reflexo direto nos r.e.g. e v.p. totais da imagem. Porém, os r.e.g e v.p. totais de uma imagem não bastam para determinar a simplicidade estrutural de uma imagem.

A tendência natural na percepção de uma imagem é sempre simplificá-la e quanto menos definição os elementos de uma imagem tiverem, mais serão “unificados” na percepção dela. Por isso, quanto mais formas independentes (não unificadas) uma imagem apresentar, mais complexa será. Por consequência, no conjunto da imagem, a proporção entre formas simples e complexas deve ser considerada. Quanto menos formas complexas a imagem apresentar proporcionalmente às formas simples, mais tenderá para a simplicidade. Ou seja, é preciso relativizar, diante do conjunto, os próprios métodos quantitativos. Os fatores não podem ser analisados de forma isolada. Pelo contrário, os dados quantitativos devem ser considerados com os qualitativos, para que, reunidos, seja possível determinar a simplicidade de uma imagem.

A lei básica da percepção, de tendência natural do estímulo visual ser simplificado deve ser sempre considerada para permitir que uma imagem seja percebida e lembrada mais facilmente. A partir dessa discussão inicial, uma possibilidade que se



abre, para os que desejam se debruçar sobre o tema, seria a comparação entre os resultados da análise da simplicidade estrutural de uma imagem a partir dos métodos quantitativos e qualitativos com experimentos de percepção dessa mesma imagem em um grupo focal, para verificar a relação entre a simplicidade dos elementos que a compõem (produção) e a facilidade na percepção e lembrança da mesma (recepção).

## 6 Referências

ALVES, F. das N. Alegórica república: a nova forma de governo sob o prisma da caricatura: um estudo de caso. Revista **Comunicação&política**, n.s., v.IX, n.3, p.227-244, 2002. Disponível em: <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2002-3%20227-244%20francisco%20das%20neves.pdf>>. Acesso em: 02 jul 2010.

\_\_\_\_\_, F. das N. Imprensa caricata rio-grandina e crítica política ao final do Império. **Biblos**. v.8. Rio Grande: Ed. da FURG, 1996b. p. 139-46.

BRANCO, F. de A. **A presença e o papel da literatura no jornal caricato O Diabrete (1875-1881)**. 2005. 836p. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, 2005.

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Melhoramentos. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=rasgo> Acesso em 17 abr 2011

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FONSECA, J. da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FRANCO, S. da C. **Guia histórico de Porto Alegre**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.

HOHLFELDT, A. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Dezembro de 2006 - 3/12. Disponível em <[www.compos.com.br/e-compos](http://www.compos.com.br/e-compos)>. Acesso em 25 out 2010.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 13.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

MACHADO, A. C. **Enciclopédia sul-rio-grandense ilustrada**. Passo Fundo, RS: A.C. Machado, 1988.

PERUZZOLO, A. C. **Elementos de semiótica da comunicação: quando aprender é fazer**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

VERGUEIRO, W. de C. S. e SANTOS, R. E. dos. Para uma metodologia da pesquisa em Histórias em Quadrinhos. In: BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V. de; MARTINO, L. C. (Org.) **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

VILLAFANE, J. **Introducción a la teoría de la imagen**. Madri: Pirâmide, 2000.